

MOTIVAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES ACERCA DE SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Samuel Gonçalves Pinto

Daniela Gomes Rosado

Faculdade Sudamérica/ Cataguases-Minas Gerais - Brasil

1-INTRODUÇÃO

Para desenvolver uma determinada atividade e esta representar uma condição prazerosa e interessante, é necessário encontrar um motivo para realizá-la, ou seja, ter uma intenção, um objetivo na sua execução. Todo comportamento é motivado, pois, sem um motivo, o indivíduo não se posiciona diante de uma situação; não se dispõe a evoluir num determinado contexto. A motivação torna-se, assim, elemento imprescindível para que determinado processo e seus resultados, em qualquer aspecto, sejam satisfatórios.

A existência da motivação na realidade do ensino é refletida de maneira direta no comportamento dos indivíduos envolvidos no processo educacional. Quando motivados, professores desenvolvem e ministram um trabalho pedagógico adequado e os alunos são despertados para o objeto do conhecimento de forma genuína. Neste contexto, a motivação é responsável pela interação dos indivíduos com a Educação Física, resultando no cumprimento das diversas possibilidades e amplitudes do objeto de estudo da mesma, ou seja, das diferentes maneiras de expressão do corpo no espaço, provocando transformações significativas no ambiente escolar.

O termo motivação é derivado do verbo em latim "movere". A idéia de movimento aparece em muitas definições e relaciona-se ao fato da motivação levar uma pessoa a fazer algo, mantendo-a na ação e ajudando-a a completar tarefas (Pintrich & Schunk, 2002). A motivação consiste em apresentar a alguém estímulos e incentivos que lhe favoreçam determinado tipo de conduta. Em sentido didático, consiste em oferecer ao aluno os estímulos e incentivos apropriados para tornar a aprendizagem mais eficaz (PILETTI, 2007).

As orientações motivacionais podem ser intrínsecas (decorrentes dos processos mentais e necessidades do indivíduo) e extrínsecas (decorrentes das características do ambiente e seus incentivos). As orientações intrínsecas são compreendidas pelo interesse próprio em realizar determinada atividade, onde a mesma desperta curiosidade, satisfação e alegria em desenvolvê-la. Já as orientações extrínsecas promovem a realização de uma tarefa com objetivos que não estão ligados a vontade inerente do indivíduo, mas por apresentarem algum tipo de recompensa (premiação, elogios, notas) na sua execução.

No processo de ensino, tal elemento fará com que o aluno interaja com o objeto do conhecimento e encontre sentido no mesmo, o que resultará na sua dedicação e direcionamento de seu comportamento de acordo com as necessidades pedagógicas apresentadas. No caso específico da Educação Física, a necessidade da contínua busca por alicerces no que se refere à motivação, torna-se ainda maior em escolas públicas, onde estruturalmente e financeiramente, encontram-se em desvantagem, pois há pouca ou nenhuma condição de investimento. Dentro deste contexto, o professor representa a maior possibilidade de mudanças nas aulas através de disponibilidade e responsabilidade em relação às mesmas.

É comum ouvir que as aulas de Educação Física das escolas públicas na cidade de Cataguases não atendem às expectativas dos alunos, resultando na desmotivação e evasão cada vez maior dessas aulas. Inúmeras são as deficiências que contribuem para a formação deste quadro, dentre as quais, a desmotivação do próprio professor para ministrar as aulas, fator que pode tornar a Educação Física uma disciplina de importância questionável para a instituição escolar e seus discentes, uma vez que não é capaz de apresentar motivos para a realização de sua prática.

Considerar a importância da motivação nas aulas de Educação Física é primordial para fundamentar o trabalho pedagógico e resgatar o interesse dos alunos, devendo esta questão

estar em evidência durante todo o processo de ensino, tendo o professor, a percepção das razões internas que influenciam o comportamento dos alunos para proporcionar os estímulos corretos.

O aluno motivado terá um envolvimento espontâneo com as atividades propostas, facilitando a interação de forma prazerosa com o meio, apropriando-se do conhecimento e desenvolvendo suas habilidades de forma satisfatória. O ensino só tem sentido se houver aprendizagem, e para tal, a motivação é que conduzirá o comportamento do aluno para este fim.

Saber trabalhar o nível motivacional dos alunos nas aulas de Educação Física implica não somente na participação das atividades, mas, também, na capacidade destes aplicarem o conhecimento para além do desempenho físico. Uma vivência positiva nessas aulas promove uma prática permanente de atividades físicas para a manutenção da saúde e constrói um conjunto de atitudes e valores a respeito do meio social em que está inserido.

O objetivo desse trabalho é, portanto, perceber de que maneira os professores da rede pública de ensino do município de Cataguases-MG entendem esse conceito e sua articulação no planejamento do mesmo, bem como sua percepção de seu papel motivador e os fatores que o influenciam neste contexto.

2-PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

O local de estudo foi uma escola pública, situada no município de Cataguases-MG. A população estudada foi composta por dois professores de Educação Física que lecionam do 6º ao 9º ano, da referida instituição de ensino.

Diante do problema de pesquisa proposto e dos objetivos traçados, esta pesquisa tem caráter, quanto aos fins, segundo Vergara (2005), característica descritiva, pois tem como finalidade descrever as características de um fenômeno. Ainda segundo o autor, esta pesquisa não tem compromisso de explicar ou fazer relações dos fenômenos que descreve, embora sirva para tal.

A entrevista tem como objetivo a obtenção de informações dos entrevistados e seu conteúdo apresenta seis tipos de objetivos: averiguação de fatos; determinação das opiniões sobre os fatos; determinação de sentimentos; descoberta de planos de ação; conduta atual ou do passado e motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas (SELLTIZ, 1965, citado por MARCONI e LAKATOS, 2007).

Para analisar os questionários, foi utilizada a análise de discurso, na perspectiva de Orlandi (1999), citado por Cappelle et al (2003), onde a mesma o considera como uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade. Quando pronunciamos um discurso agimos sobre o mundo, marcamos uma posição - ora selecionando sentidos, ora excluindo-os no processo interlocutório.

A unidade do discurso é um efeito de sentido, como Orlandi explica, “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (1999: 15). Os discursos se movem em direção a outros. Nunca está só, sempre está atravessado por vozes que o antecederam e que mantêm com ele constante duelo, ora o legitimando, ora o confrontando. A formação de um discurso está baseada nesse princípio constitutivo – o dialogismo. Os discursos vêm ao mundo povoado por outros discursos, com os quais dialogam. Esses discursos podem estar dispersos pelo tempo e pelo espaço, mas se unem por que são atravessadas por uma mesma regra de aparição: uma mesma escolha temática, mesmos conceitos, objetos, modalidades ou um acontecimento. Por isso que o discurso é uma unidade na dispersão.

3-ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1-Percepções sobre a realidade da Educação, Educação Física e Motivação Docente

Ao perguntar aos professores de que maneira a realidade da Educação e da Educação Física se aproximava da motivação dos mesmos enquanto docentes, ambos declararam que sentem-se desmotivados pela desvalorização crescente da profissão, como podemos ver a seguir:

“Com a atual realidade da educação, nas escolas públicas principalmente, é inevitável não ficar desmotivado com a profissão. Nem sempre consigo realizar meu trabalho como gostaria por não existir melhores recursos ou mesmo por estar desmotivado por não darem a importância que nosso trabalho merece” (Professor 1).

“É difícil me manter motivado porque cada vez mais a gente percebe a desvalorização da nossa disciplina. A desvalorização do professor é grande no geral, mas acho que com a Educação Física é pior. Por mais que a gente goste, fica um pouco desanimado com a profissão” (Professor 2).

É notável como este fato altera de forma significativa a motivação dos professores para lecionar, comprometendo a qualidade das aulas e a aprendizagem dos alunos, pois, segundo Piletti (2007), a motivação consiste em apresentar a alguém estímulos e incentivos que lhe favoreçam determinado tipo de conduta. Em sentido didático, consiste em oferecer ao aluno estímulos e incentivos apropriados para tornar a aprendizagem mais eficaz. Se o professor encontra-se desmotivado, é provável que deixará de cumprir com seu papel de facilitador da aprendizagem.

No que se refere às aproximações entre ensino, educação e motivação, a sensação do professor 1 em relação à articulação desses conceitos é de possibilidades.

“Mesmo sendo difícil, acredito sim que haja possibilidades de relacionar esses conceitos, mas tem que estar disposto a tentar”. Para o Professor 2, remete a sensação de limitações, pois *“é difícil manter os alunos motivados também, e isso não depende só do professor, mas da escola e acho que da família também”.*

Analisando a resposta do Professor 1, podemos concluir que essa possibilidade só existe se houver interesse por parte do professor para desenvolver um trabalho capaz de relacionar estes conceitos na prática, reforçando a importância da motivação docente. Já o Professor 2 considera neste sentido não apenas a motivação docente, mas a do aluno, que deve ser considerada também por toda a escola e contar com a participação da família.

De acordo com Oliveira e Alves (2005), o estímulo é algo externo que também impulsiona o indivíduo em determinada direção, fazendo-o agir. Eles podem ser multivariados – de natureza econômica, social, moral ou política. Esta afirmação demonstra que o envolvimento de todos presentes na ação educativa reflete positivamente na motivação de alunos e professores.

Na relação ensino-aprendizagem, em qualquer ambiente, conteúdo ou momento, a motivação constitui-se como um dos elementos centrais para a sua execução bem sucedida (PAIM, 2000, citado por MALAVASI e BOTH, 2001).

3.2-Importância atribuída ao planejamento

Para um maior entendimento de como é feito o planejamento das aulas e como os professores utilizam este instrumento que pode facilitá-las e qualificá-las, houve a necessidade de saber qual o modelo ideal de planejamento para os mesmos, quais os fatores que influenciam e/ou dificultam a construção desse planejamento e como este interfere nas aulas.

A respeito do que consideram um modelo ideal de planejamento, os professores responderam que é aquele que facilita as aulas, seja flexível e que realmente pode ser aplicado na realidade escolar.

“Planejamento ideal é aquele que realmente possa ser dado nas aulas. Não adianta planejar aulas maravilhosas se você não consegue desenvolvê-las. O planejamento tem que permitir que os alunos participem dele do início ao fim” (Professor 1).

Para Menegolla e Sant’Anna (2003), o que decide o modelo do plano são os objetivos dos alunos, do professor e das possibilidades de executá-lo numa determinada classe, considerando a sua realidade.

É importante, então, estudar e verificar as possibilidades de aplicação dos conteúdos e das metodologias nas aulas considerando as características dos alunos para que possam ser inseridos no planejamento e conseguir cumpri-lo. O conhecimento da realidade dos alunos e valorização das suas vivências anteriores são fatores que devem ser analisados no ato de planejar para melhor adaptar atividades onde os mesmos encontrem sentido em sua prática, bem como aplicá-las por meio de uma metodologia que desperte o prazer dos alunos e permita o aprendizado mais facilmente. Para o Professor 2 um planejamento ideal *“é aquele que facilite na hora de dar aula, que tenha tudo o que deve ser dado: atividades, o tempo necessário para realizá-las, constar se for utilizar algum material...”*.

O planejamento de aula é então, a seqüência de tudo o que vai ser desenvolvido em um dia letivo. É a especificação dos comportamentos esperados do aluno e dos meios – conteúdos, procedimentos e recursos – que serão utilizados para a sua realização [...] (PILETTI, 2007).

Planejar é organizar o trabalho e estruturar as aulas, para que nelas seja facilitado o trabalho do professor bem como o ensino, o que irá garantir uma aprendizagem mais eficaz. Trabalhar com o apoio do planejamento representa utilizar concretamente um espaço pedagógico autêntico para a introdução de critérios e conteúdos significativos na relação ensino-aprendizagem (PACCA, 1992).

Quando questionado sobre os fatores que influenciam na construção do planejamento, o Professor 1 diz que *“o gosto dos alunos influencia muito, porque gosto que todos participem. Tento também variar sempre as atividades”*. O Professor 2 diz que *“é o que eu pretendo ensinar, porque aí consigo montar as atividades de acordo com o objetivo da aula”*.

Para Rodrigues (2001: 5) há elementos que são básicos em qualquer forma de planejamento. São eles:

Objetivos: é preciso explicitá-los, tendo como questões básicas “o quê” e “para quê”; Justificativa- toda proposta tem uma origem, um porquê; Temática-apresentação do eixo integrador; Estratégias- momento do “como” ser explicitado; Localização- onde será desenvolvido? Para quem? É importante esta caracterização, deixando esclarecido o contexto; Recursos- qual o apoio necessário, em termos de materiais, meios a serem utilizados; Avaliação- como acompanhamento permanente do processo, revelar os indicadores, critérios de avaliação.

Diante dos depoimentos e considerando o estudo acima, nota-se que a avaliação não faz parte do planejamento dos professores, o que permitiria identificar as dificuldades dos alunos, além de verificar se os objetivos propostos foram alcançados e aprimorar os planejamentos consecutivos.

Ao abordar como o planejamento interfere nas aulas, os professores reconhecem a importância desde elemento para lecionar.

“Faz a aula render mais. E tendo uma seqüência, os alunos ficam mais atentos ao que está sendo dado. E nem sempre dá pra improvisar alguma coisa que dá certo. Já sabendo o que vai ser feito você dá a aula mais seguro e acho que os alunos percebem isso” (Professor 1).

“Fica mais fácil conduzir a aula. Você chega sabendo o que vai fazer e aproveita melhor o tempo com os alunos, no sentido de conseguir ensinar alguma coisa. Quando não planejo nada (porque às vezes acontece) acabo deixando os alunos interferirem na aula mais do que devem” (Professor 2).

Planejar é uma atividade que está dentro da educação, visto que esta tem como características básicas: evitar a improvisação, prever o futuro, estabelecer caminhos que possam nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação (PADILHA, 2001).

Mesmo reconhecendo a validade do planejamento, nem sempre este acontece, sendo a ação docente influenciada pelos alunos, o que pode modificar os objetivos das aulas e interferir de forma negativa na qualidade e rendimento da mesma. O professor deve perceber o planejamento como parte fundamental para organizar e exercer um bom trabalho, não podendo negar esta etapa que significa seu comprometimento com a escola e o papel que representa na mesma.

3.3-Satisfação com a profissão

Sobre as sensações em relação a atividade de trabalho, o Professor 1 demonstra que, apesar da desvalorização e dificuldades, está satisfeito exercendo a profissão.

“Acho que poderia ser mais valorizado. Penso também em cansaço, porque não é fácil dar conta de todas as turmas. Mas mesmo sendo difícil gosto de dar aula. Não tenho só sensações ruins não...estar na escola me faz sentir bem sim; me divirto com os alunos muitas vezes”.

O Professor 2 diz que: *“confesso que me sinto meio desanimado...por mais que a gente tenha esperança de melhora na educação, a gente sabe que é difícil mudar as coisas. Não depende só de nós professores. E aí, enquanto isso, vamos ficando cada vez mais desvalorizados. Claro que tem momentos bons da profissão, mas as dificuldades estão falando mais alto neste momento”.*

Nota-se uma diferença no nível motivacional dos dois professores, onde o primeiro, apesar de reconhecer as dificuldades presentes, ainda encontra prazer na convivência do ambiente escolar. Já o Professor 2, mesmo afirmando ter bons momentos proporcionados pela profissão, acredita que as dificuldades superam tais momentos, fazendo com que se sinta insatisfeito.

É urgente valorizar o ofício de professor. O governo, as escolas e os próprios professores devem considerar isso o objetivo primordial. Caso contrário, encontraremos professores cada vez mais desmotivados que não serão psicologicamente capazes sequer de abordar o problema da motivação de seus alunos (TAPIA e FITA, 2006).

Para melhor compreender as declarações da pergunta anterior sobre as sensações que vem à tona ao pensar no trabalho que desenvolvem, foi perguntado o que deixa os professores satisfeitos e o que os incomoda no exercício desta profissão. O Professor 1 sente-se satisfeito em *“poder ensinar fora da sala, de um jeito diferente. Às vezes os alunos nem percebem que estão aprendendo alguma coisa, mas estão. Isso é legal porque a gente vê logo numa outra aula uma mudança no comportamento deles na hora de brincar, de falar com os colegas. O que me incomoda às vezes é a indisciplina e ver que não levam a escola tão a sério mais. A falta de importância que dão ao nosso trabalho com certeza também incomoda”.* O Professor 2 diz que *“quando planejo e dá certo o que queria ensinar é gratificante. O que incomoda é a desvalorização do trabalho e o salário, que é consequência disso”.*

Pode-se notar na fala dos dois professores que os mesmos sentem-se felizes quando conseguem concluir suas aulas e, de fato, ensinar aos alunos. A aprendizagem dos conteúdos propostos faz com que os professores percebam sua importância para o ambiente escolar e para o desenvolvimento dos alunos. Em relação às insatisfações, a desvalorização do trabalho por todos os envolvidos no processo educacional influi nesse bem-estar e na percepção que os professores possuem da sua função ao realizar um bom trabalho, não os mantendo motivados e confiantes da relevância do seu papel de educador.

4-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação dos professores não é a única responsável pela qualidade do trabalho educativo, pois as mudanças necessárias a muitos dos fatores que a alteram não estão a alcance dos mesmos, pois depende de ações políticas cujo objetivo primordial seja a melhoria na educação. Porém, é de suma importância investigar o que motiva os docentes para aqueles que acreditam que o trabalho que estes desenvolvem é o aspecto principal para que esta mudança aconteça.

A partir do reconhecimento do valor do trabalho docente, os esforços serão maiores para oportunizar uma formação destes profissionais que realmente os preparam para utilizar e construir novos saberes que permitam enfrentar as diversas particularidades que se apresentam na gestão da disciplina ministrada e da sala de aula. Isto significa saber colocar a Educação Física no mesmo patamar das demais disciplinas, inculcar sua importância em todos os sujeitos da instituição escolar, estabelecer e alcançar objetivos e abordar e trabalhar a questão da motivação nos alunos, fatores relatados na pesquisa que contribuem para a desmotivação dos professores entrevistados neste estudo.

É preciso também que o professor se reconheça como elemento motivador para repensar suas atitudes como tal e resgatar seu espaço e da Educação Física, oferecendo conteúdos e procedimentos que despertem o interesse dos alunos por sua prática voluntária, condição indispensável para que estes possam evoluir enquanto discentes e encontrar sentido nos objetivos propostos.

O desenvolvimento do estudo permite-nos considerar que o professor bem preparado, atualizado, consciente de sua responsabilidade como educador, e principalmente, motivado, é essencial para que a Educação Física seja mais atraente aos alunos e valorizada pela escola e pela sociedade. Apesar de a motivação do professor ser uma área complexa a ser estudada, é um desafio que pode ajudar na reflexão por parte dos mesmos, da escola e do governo na indispensabilidade desta para se ter um comprometimento maior com a qualidade da educação.

Enfatizado a importância da motivação no processo de ensino-aprendizagem, fica evidente a necessidade de uma investigação mais profunda acerca deste tema após a análise da pesquisa realizada. Tal investigação deve considerar todos os elementos presentes na ação educativa, mas deve analisar criteriosamente as questões que envolvem o trabalho docente: formação, envolvimento com a instituição de ensino, percepção do seu papel social, fontes de satisfação e insatisfação na atividade laboral, entre outros fatores que influenciam diretamente na profissão e na vida pessoal dos professores.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L.; GONÇALVES, C. A. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Revista Eletrônica de Administração da UFLA**. Lavras, vol.5, n.1, 2003. Acessado em 04-10-2009. Disponível em <http://www.dae.ufla.br/revista/revistas/2003/2003_1/revista_v5_n1_%20jan-jun_2003_6.pdf>

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas,2007.

MENEGOLLA, M; SANT'ANNA, I.M. **Por que planejar? Como planejar?** Petrópolis: Vozes, 13. ed., 2003.

OLIVEIRA, C. B.E.; ALVES, P. B. Ensino fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, vol.15, n.31, 2005 .

PACCA, J.L.A. O profissional de Educação e o significado do planejamento escolar: problemas dos programas de atualização. **Revista Brasileira de Ensino de Física**. São Paulo, vol.14, n.1, 1992.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez (Instituto Paulo Freire), 2001.
PILETTI, C. **Didática Geral**. 23. ed. São Paulo, Ática, 2007.

ROGRIGUES, M.B.C. Planejamento: em busca de caminhos. **Revista Mediação**. Porto Alegre, 2001.

TAPIA, J.A; FITA, E.C. **A motivação em sala de aula** – o que é, como se faz. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

Contato:

Samuel Gonçalves Pinto

Email:Samuel.pto@gmail.com

Rua Capitão José Maria, 122 Apt:06

Bairro: Centro - Viçosa-MG - CEP:36570-000